

AS CONTINGÊNCIAS DO AMOR E A DISSOLUÇÃO DA ALTERIDADE AMOROSA NO CAPITALISMO AFETIVO

Renato Nunes Bittencourt¹

Em memória de minha mãe Sandra Maria Nunes Bittencourt (1957-2013)

O que quer que o mundo te retire, ainda que seja o bem mais querido; o que quer que te ocorra na vida e o que quer que tenhas de sofrer por causa de teu esforço, por causa do bem que tu queres se aos homens se desviassem de ti, indiferentes, ou se virassem contra ti como inimigos; mesmo se ninguém quisesse se declarar teu conhecido ou reconhecer tua dívida para contigo, ainda que teu melhor amigo te renegasse – se, todavia, em algum esforço teu ou em alguma obra tua, ou em alguma palavra tua, tiveste o amor como confidente, consola-te, pois o amor permanece (KIERKEGAARD, 2005, p. 338)

RESUMO: Neste texto se realiza uma análise multidisciplinar da ontologia do amor, para em seguida, adentrarmos na experiência da alteridade do amor nas relações afetivas mediadas pela vida social, demonstrando em seguida, de que maneira a ideologia capitalista promoveu a degradação da experiência amorosa, inoculando nela os parâmetros mercadológicos do consumo e do descarte. Demonstra-se assim, que vivemos em uma era civilizatória que, não obstante a liberalidade sexual nos faz permanecer na extrema dificuldade de estabelecermos relações amorosas de alteridade para com nossos parceiros amorosos, transformados, de forma geral, em meros objetos para usufruto egoísta.

PALAVRAS-CHAVE: Amor; Alteridade; Consumo; Medo; Capitalismo.

ABSTRACT: In this text if multidisciplinary performs an analysis of ontology of love, for then, we turn to the experience of otherness of love in relationships mediated by social life, demonstrating then how capitalist ideology promoted degradation of the loving experience, inoculating it market parameters of consumption and disposal. Demonstrates, that we live in an era that civilizing, despite sexual liberality makes us stay in the extreme difficulty of establishing

¹Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Pesquisa em Mercado e Opinião Pública da UERJ. Professor da Universidade Candido Mendes e da Faculdade CCAA. Membro do Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche. E-mail: renatonunesbittencourt@yahoo.com.br

romantic relationships of otherness to our loving partners, transformed, generally speaking, in mere objects for selfish enjoyment.

KEYWORDS: Love; Otherness; Consumption; Fear; Capitalism.

INTRODUÇÃO

A questão do amor em suas múltiplas facetas existenciais é um tema que, de um modo geral, sempre pertenceu ao discurso filosófico. Por ser talvez o afeto motriz de grande parte de nossas ações cotidianas, o silêncio discursivo sobre o amor se revela para o intelectual um sinal de carência criadora. As palavras são sempre imprecisas para que versemos sobre o fenômeno transfigurador do amor, que se situa na experiência do inefável, mas o esforço para se analisar essa questão é inevitável para o pensador que se preocupa com as questões éticas, sociais e valorativas de sua época. O amor serviu de inspiração para as mais magnânimas obras da literatura, da música, da pintura, da escultura, do teatro, do cinema, assim como dos discursos intelectuais. Nessas condições, a melhor maneira de se dedicar a tal tema surge quando estabelecemos um intercâmbio polifônico entre diversas perspectivas enraizadas na Filosofia, na Sociologia, na Psicologia, na Psicanálise, na Semiologia, na Literatura e em inúmeros outros discursos que abordem a problemática do amor pelo viés da ontologia da alteridade, na qual o amor se configura como uma experiência existencial e ética pautada pela compreensão, pelo respeito, pelo cuidado, pelo carinho, pelo acolhimento integral do outro com qual nos relacionamos afetivamente. Essa perspectiva axiológica é de suma importância para que combatamos os dispositivos mercadológicos que regulam as relações afetivas na vida líquida do mundo capitalista do qual fazemos parte. O amor se converteu em meio e não um fim superior na existência humana, produtos valem mais do que pessoas, mulheres adquirem estatuto de coisas no imaginário da sociedade de consumo chancelada pela ação insidiosa do discurso publicitário, dentre outros aviltes contra a experiência ética do amor. No presente artigo abordaremos dois grandes focos narrativos: 1) a alteridade da experiência do amor e a constituição de uma ontologia do amor através da contribuição do discurso filosófico e outros afins; 2) a degradação da experiência amorosa no seio

da sociedade capitalista. Visamos assim favorecer ao longo deste amplo debate uma reflexão crítica sobre a difícil arte de amar nos tempos líquidos do descarte contínuo das pessoas.

A ONTOLOGIA DO AMOR E SUAS CONTINGÊNCIAS

A vivência do amor genuíno se enraíza através da afirmação da alteridade, capacidade de se compreender a interioridade do outro; o amor é, assim, uma experiência que preconiza a intersubjetividade, comunicando-se então os afetos de pessoa para pessoa. O amor é a força vital que nos estimula a vencer todas as adversidades, a aliviar todas as feridas existenciais. Para Erich Fromm “se eu amo o outro, sinto-me um só com ele, mas com ele como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso” (FROMM, 2000, p. 35). As histórias clássicas de amor demonstram sua superficialidade ao transmitirem aquela tão enganadora ideia do “viveram felizes para sempre”, como se a efetivação matrimonial da relação amorosa culminasse na supressão de todas as adversidades existenciais. Essas narrativas edulcoradas não descrevem os dias posteriores à noite de núpcias e sua magia de amor. A convivência cotidiana entre o casal de enamorados certamente seria enfadonha para os leitores, desmistificando assim o teor realista da relação amorosa em sua intensidade imanente. Segundo Charles Taylor:

O relacionamento é secundário para a autorrealização dos parceiros. Nessa visão, vínculos incondicionais, designados a durar para sempre, fazem pouco sentido. Um relacionamento pode durar até a morte, se continua servindo seu propósito, mas não há sentido em declarar a priori que deva ser assim (TAYLOR, 2011, p. 51).

Qualquer relacionamento afetivo que pressuponha o amadurecimento dos parceiros envolvidos pressupõe a capacidade de superação das crises interpessoais, plausíveis na constituição de toda vida conjugal; postular a harmonia absoluta na existência do casal denota uma incompreensão da dinâmica polêmica que perpassa

a grande contradição da práxis amorosa. Não é fácil convivermos de maneira constantemente estável com qualquer ser humano, inclusive a pessoa que mais amamos. A vida em comunhão é um desafio cotidiano de tolerância, respeito, paciência, envolvendo assim a exigência de valiosas virtudes éticas. Segundo Roland Barthes:

O sujeito coloca, com obstinação, o voto e a possibilidade de uma satisfação plena do desejo implicado na relação amorosa e de uma felicidade sem falhas, e como que eterna, dessa relação: imagem paradisíaca do soberano bem, a dar e a receber (BARTHES, 2003, p. 275).

Talvez seja justamente a partir desse momento de vida conjugal que todos os percalços surjam, pois a convivência cotidiana com o outro é a prova maior de sua suportabilidade e a condição indispensável para que possamos desenvolver uma genuína experiência ética com o mesmo. Contudo, quem ama alguém de verdade deve estar pronto para aceitar o desafio de sair de sua zona de conforto e encarar assim de modo maduro a iminência da vida comum. Para Emmanuel Lévinas:

Amar é existir, como se o amante e o amado estivessem sós no mundo. A relação intersubjetiva do amor não é o início, mas a negação da sociedade. E existe aí, certamente, uma indicação sobre sua essência. O amor é o eu satisfeito pelo tu, captando em outrem a justificação do seu ser. A presença de outrem exaure o conteúdo de tal sociedade. O calor afetivo do amor realiza a consciência desta satisfação, deste contentamento, desta plenitude encontrada fora de si, excêntricos. A sociedade do amor é uma sociedade a dois, sociedade de solidões, refratária à universalidade (LÉVINAS, 2007, p. 43).

A noção cristã do casamento como uma instituição para a vida toda se revela leviana para com a própria afetividade humana e suas inerentes falhas. O amor autêntico por uma pessoa não pode se fundamentar apenas em um contrato moral-jurídico-religioso, mas sim em uma poderosa celebração regida pela espontaneidade, pela alegria e pela criatividade que, necessariamente, não se

submete aos parâmetros normativos do formalismo social. A força transformadora do amor não pode ser represada em um código moral. Ao abordar essa questão, Enrique Rojas afirma que “O amor humano é um sentimento de aprovação e afirmação do outro, e por isso nossa vida tem um novo sentido de busca e desejo de estar ao lado da outra pessoa” (ROJAS, 1996, p. 49). A chama do amor pode se apagar e nada mais plausível do que se vislumbrar uma nova oportunidade de se realizar amorosamente com outra pessoa, tendo-se como objetivo a vivência da felicidade. Como diz sabiamente o poeta Ovídio “Todo amor é suplantado por um novo amor que lhe sucede” (OVÍDIO, *Os Remédios do Amor*, v. 462). Portanto, tenhamos a coragem de, ao sofrermos um desapontamento amoroso, iniciarmos uma nova busca pela felicidade decorrente da integração afetiva com a pessoa amada. As relações humanas são pautadas pela contingência, e os mais elaborados projetos conjugais podem se dissolver por questões que muitas vezes fogem ao nosso alcance racional. A dignidade humana se revela acima de tudo em sua capacidade de se reerguer após um fracasso existencial. A ausência de perfeição plena no mundo é a garantia de que os mais belos esforços humanos se revelam estéreis para transformar plenamente a ordem da vida e realizar os mais augustos sonhos de amor.

O casamento é um ritual que exige dos parceiros amorosos um profundo senso de comunhão e respeito, mas em diversas ocasiões ele se assemelha mais a um mero contrato de garantias jurídicas para ambas as partes. Nessas circunstâncias, podemos atrelar a instituição do matrimônio na esfera do “Ter”, pois a pretensão de se legitimar o sentimento do amor através do casamento muitas vezes cristaliza a afetividade, eliminando a singularidade dos indivíduos que atuam na vida íntima sob a jurisdição de um contrato; ora, justamente uma das disposições que intensificam o amor pelo parceiro é a saudade decorrente de sua ausência momentânea. Isso não significa de forma alguma a invalidação existencial do casamento em nossa conjuntura social, mas um convite para refletirmos sobre seu genuíno significado para a formação da vida do casal amoroso; se este porventura apresenta o propósito de casar, que assim seja, mas

jamais uma regra externa pode se outorgar o direito moral de impor ao casal a imortalidade desse vínculo. Conforme expõe Roland Barthes:

Encontro em minha vida milhares de corpos; desses milhares, posso desejar algumas centenas, mas dessas centenas, amo apenas um. O outro de que estou enamorado me designa a especialidade de meu desejo (BARTHES, 2003, p. 11).

Talvez a convivência cotidiana retire esse poder renovador da experiência afetiva do desejo de ter a pessoa amada ao lado, sempre que a chama da saudade renasce. A lembrança do ser amado e os momentos felizes vividos em parceria estabelece uma quebra na noção de temporalidade linear. Segundo Georges Bataille,

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que nos prende à individualidade fortuita, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira, que nos religa geralmente ao ser [...]. Sofremos de nosso isolamento na individualidade descontínua. A paixão nos repete incessantemente. Se possuíres o ser amado, esse coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o ser amado (BATAILLE, 2013, p. 39; p. 44).

A experiência da saudade amorosa é atemporal, pois ela nos transporta para lembranças especiais que estão ainda vivas na memória afetiva e que ardem intensamente no coração, fazendo-o palpitar sofregamente pelo retorno feliz do ser amado ao nosso convívio, aos nossos braços. Para Erich Fromm,

O amor é um poder ativo no homem, um poder que atravessa as paredes que separam o homem dos outros homens, que o une com os outros; o amor o leva a superar a sensação de isolamento e de separação, mas lhe permite ser ele mesmo, manter sua interioridade. No amor sucede um paradoxo: o de que dois seres se

tornem um, mesmo permanecendo dois (FROMM, 2000, p. 26).

Acreditar na existência do amor eterno no âmbito humano é um contrassenso, uma vez que a eternidade se funda apenas naquilo que não possui nem início nem fim, considerando-se a partir de uma perspectiva temporal; quando muito pode existir o “amor imortal”, nascido em um dado momento especial e que se prolonga para sempre na multiplicidade do universo infinito, postulando-se que exista a continuidade da vida em outras esferas mais sutis. Georg Simmel afirma que “é entre o eu e o tu que, aos olhos da consciência humana, se produz o primeiro de seus dissentimentos e a primeira de suas unificações” (SIMMEL, 2006, p. 113). Em uma perspectiva ética orientada pelos princípios da alteridade, não se pressupõe que todas as relações interpessoais sejam duradouras do ponto de vista extensivo, mas sim que sejam intensas e afirmadoras das qualidades de ambas as pessoas envolvidas nesse processo. Para Alain Badiou e Nicolas Truong,

Amar é, para além de toda solidão, estar às voltas com tudo o que no mundo é capaz de animar a existência. Vejo nesse mundo diretamente a fonte da felicidade que estar com o outro me propicia. “Eu te amo” passa a ser: existe no mundo a fonte que você é para a minha existência. Na água dessa fonte eu vejo a nossa alegria, e a sua em primeiro lugar (BADIOU & TRUONG, 2013, p. 63-64).

Relações cronologicamente curtas ainda que sejam psicologicamente intensas se pautam pelo princípio “Ser”, pois os parceiros anseiam nessa disposição a realização da felicidade mútua e quebram toda a cadeia extensiva do tempo vulgar pela vivacidade do amor, que de alguma forma alça os amantes ao reino da eternidade. Segundo Pascal Bruckner,

Trata-se de sustentar duas propostas contraditórias: de um lado, a vida a dois não é nenhuma maratona em que se deva aguentar o maior tempo possível, de outro, o importante é a qualidade dos vínculos, que devemos

saber romper quando se degradam. A brevidade não é um crime, assim como a persistência nem sempre é uma virtude: certos encontros fugazes podem ser obra-prima da concisão, deixando marcas para sempre, e convívios de meio século se revelarem, às vezes, torturas de tédio e renúncia (BRUCKNER, 2013, p. 91).

Ora, obviamente o sonho de todo casal amoroso é que se concilie intensidade afetiva e extensividade temporal, mas para tanto é imprescindível uma reflexão sobre a relação em estado constante, decorrendo daí a importância da sincera prática comunicativa do diálogo interpessoal como modo de enriquecer a experiência subjetiva dos indivíduos em comunhão amorosa. André Comte-Sponville salienta que:

O casal é um lugar de verdade, pelo menos pode ser, deve ser. Não porque no casal se diz tudo, o que não é possível nem desejável, não porque nunca se mente, o que é raro, mas porque permite conhecer verdadeiramente alguém, no tempo, na maior proximidade, a dos corpos e dos corações (COMTE-SPONVILLE, 2011, p. 86).

Quando amamos alguém de verdade, quando estamos conjugados ao seu ser de pura energia amorosa, o tempo cronológico perde todo o sentido racional de mensuração, como se entrássemos na perspectiva das coisas sob o paradigma da eternidade. Segundo Jurandir Freire Costa:

O amor é uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, o casamento, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum de seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. Tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser, em função do que julgamos melhor para todos e cada um de nós. Para isso, entretanto, é preciso mostrar que nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas qualquer que seja o sentido que venhamos dar ao termo perfectibilidade (COSTA, 1999, p. 12)

A relação amorosa baseada na reciprocidade e no respeito desvela o espírito de alteridade entre duas pessoas, que se compreendem e se valorizam enquanto expressões subjetivas singulares que se transfiguram existencialmente no ato de comunhão afetiva. Para Martin Buber:

O amor é uma força cósmica. Aquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam do seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, sábios e tolos, belos e feios, uns após outros, tornam-se para ele atuais, tornam-se tu, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada vez face-a-face (BUBER, 2001, p. 59).

O respeito verdadeiro pelo ser amado não brota pelo cumprimento de um formalismo contratual, mas sim pelo cuidado para com ele em sua suprema singularidade, cuidado afetivo nascido do sentimento de alteridade, tal como pertinentemente abordado por Edgar Morin: “A autenticidade do amor não consiste em projetar nossa verdade sobre o outro e, finalmente, ver o outro exclusivamente segundo nossos olhos, mas sim de nos deixar contaminar pela verdade do outro” (MORIN, 2011, p. 30). Com efeito, inúmeras vezes projetamos no ser amado aquilo que gostaríamos que ele fosse. Segundo essa perspectiva, apaixonar-se é atribuir ao ser amado qualidades que ele não tem. Isso ocorre porque muitas vezes amamos aquilo que imputamos como belo e então é necessário fazer com que o ser amado seja belo, ainda que isso não corresponda à verdade. Stendhal denomina “cristalização” esse processo psicológico, uma “operação do espírito que extrai de tudo o que se apresenta a descoberta de que o objeto amado tem novas perfeições” (STENDHAL, 1999, p. 7). Amar é certamente um ato ético, pois nos defronta perante a figura do outro, e também uma experiência ontológica, uma vez que na vivência do amor penetramos na subjetividade do outro pelo qual nos afeiçoamos, criando assim como que um novo ser, que agrega as qualidades fundamentais de cada parceiro da relação. Para Ortega y Gasset,

Em vez de esperar que o objeto venha até mim, sou eu que vou até o objeto e me torno parte dele. No ato amoroso saímos de nós próprios: talvez seja a tentativa por excelência de que a natureza dispõe para que cada um saia de si em direção a outra coisa. Não é o objeto que é atraído por mim, sou eu que gravito na sua direção (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 13).

É possível expressarmos adequadamente tal afeto por alguém? Nossas palavras ordinárias conseguem expressar adequadamente nossos sentimentos mais sinceros por alguém? “Por acaso não é verdade que um ser humano jamais compreende inteiramente o outro?” (KIERKEGAARD, 2005, p. 260). O amor é, em sua própria vivência, inefável, e todo nosso vocabulário é incapaz de conseguir representar com precisão essa potência afetiva que transforma nossa existência e nossa visão de mundo. Quantas palavras de amor morrem na garganta do amante, incapaz de pronunciá-las para sua amada? A intensidade do sentimento, todavia, permanece viva no âmago daquele que ama. Como a palavra “amor” pode representar a potência afetiva do sentimento do amor? Como a expressão “eu te amo” pode expressar a intensidade dessa disposição afetiva? Conforme Aldo Carotenuto:

Por sua natureza o amor pertence à esfera do indizível; como todo o que se relaciona com a alma, com a dimensão mais profunda e secreta do ser, ele está próximo do mistério, é acompanhado do silêncio (CAROTENUTO, 1994, p. 27).

Todavia, a despeito da insuficiência expressiva de nosso discurso, o amor exige ser proclamado de todas as formas para o ente amado. Amar uma pessoa implica muitas vezes fidelidade afetiva, exclusividade, compromisso moral para com ela, respeitando-se sua dignidade pessoal. Contudo, o fato de amarmos intensamente uma pessoa não significa que esse mesmo amor não possa ser ampliado para uma esfera mais ampla da existência. Para Roland Barthes:

Apesar de todo amor ser vivido como único e de o sujeito repelir a ideia de repeti-lo mais tarde em outro lugar, ele surpreende por vezes em si uma espécie de difusão do desejo amoroso; entende então que está fadado a errar

até a morte, de amor em amor (BARTHES, 2003, p. 143).

O amor em sua mais poderosa fluência se caracteriza como um sentimento holístico, que envolve todos os seres com os quais nos deparamos. O amor embeleza nossas vivências, colorindo nossas percepções com as cores da alegria, da comunhão, da vivacidade: “O sujeito amoroso vive todos os encontros com o ser amado como uma festa” (BARTHES, 2003, p. 197). O amor é uma celebração imanente da vida, na qual esta é sacralizada em sua totalidade, revestindo todas as nossas vivências com o colorido do espectro solar. De alguma maneira o amor permite a formação de um mundo mais feliz, mais pleno, quando erigido por mãos que anseiam pela mudança da forma de viver, na qual os afetos degenerativos são transmutados na alegria de amar. Segundo Erich Fromm,

Se eu amo de verdade uma pessoa, amo todas as pessoas, amo o mundo, amo a vida. Se posso dizer para alguém “eu te amo”, tenho de ser capaz de dizer “eu amo todo o mundo em você, eu amo o mundo através de você, eu amo em você eu próprio também” (FROMM, 2000, p. 58)

Porém, a ordenação societária do capitalismo se apropriará dos signos amorosos irrepresentáveis para que estes se tornem bens de consumo ao dispor da massa humana; dessa maneira, o próprio ser humano será convertido em uma coisa assimilável e descartável na configuração pecuniária da vida capitalista.

O CAPITALISMO AMOROSO E A LIQUIDEZ AFETIVA

A vivência amorosa no sistema capitalista encontra-se diluída pela necessidade nervosa de experiências afetivas cada vez mais vazias e paradoxalmente intensas, gerando-se assim uma negação da alteridade entre os seres amantes. A assepsia das relações virtuais e a descartabilidade do que Bauman denomina como “relacionamentos de bolso” são a tônica do “amor líquido”, pois podemos dispor deles quando necessário e depois tornar a guardá-

los (BAUMAN, 2004, p. 10). Com efeito, grande é a facilidade técnica para a adoção desse modelo de comportamento eticamente irresponsável, desrespeitador da dignidade alheia. Mas quem se importa com o valor do outro quando o objetivo principal do regime capitalista é gozar sem limites? O medo do vazio da vida e a incapacidade do homem contemporâneo, ávido consumidor de sensações de prazer, em lidar com o sentimento de perda e de desapego, são algumas das motivações existenciais para a configuração do “amor líquido”. As questões apresentadas por Bauman em suas análises da sociabilidade do homem contemporâneo, tal como destacadas claramente são uma tomada de consciência para a transformação do modo de agir humano nessa realidade assolada pelo assombro da ansiedade para o desenvolvimento de uma prática ética que valorize a disposição da alteridade, a afirmação plena da subjetividade do outro, a compreensão mútua dos indivíduos nas suas relações afetivas, afirmando-se assim o valor qualitativo do “Ser” contra o sistema normativo do “Ter”, que impõe a cada pessoa, submetida ao padrão totalitário de consumo, a necessidade de gozar a todo custo, ainda que em detrimento da humanidade do outro. Para José Luiz Furtado:

A fantasia do outro ajuda a viver a ilusão de que todos os meus vazios interiores estão preenchidos pelo outro, seu exterior, por sua pessoa viva, então a beleza do amado é toda tecida de projeções, inevitáveis, do meu próprio desejo interior, em seu corpo exterior. Eu deposito nele, como um véu brumoso de beleza e bondade, todas as fantasias do meu desejo (FURTADO, 2008, p. 43).

É patente, na contemporaneidade, a crise de valores que estão sucumbindo às regras da sociedade de mercado e de consumo, na medida em que a organização política dessa estrutura normativa está transformando os cidadãos em meros consumidores cujo sistema deve satisfazer seus anseios imediatamente. Com efeito, a fragilidade do eu e uma interioridade restrita às emoções confinam, sobretudo os jovens, no individualismo, enquanto o ardil publicidade através da mídia hegemônica e seus tentáculos sociais solicita neles a satisfação imediata dos seus desejos, originados justamente através da formulação heterônoma de um padrão de gosto. Lipovetsky sentencia:

A sedução tomou o lugar do dever, o bem-estar tornou-se Deus, e a publicidade é seu profeta. O reino do consumo e da publicidade exprime muito bem o sentido coeso da cultura pós-moralista. Assim, as relações entre os homens ficam sendo sistematicamente menos simbolizadas e apreciadas que as relações entre os homens e as coisas (LIPOVETSKY, 2005b, p. 31-32).

A estrutura midiática é uma grande incentivadora dessa tendência dissolvente dos valores elevados da cultura humana, pois continuamente ela despeja na massa social a ideia de que está na moda o ato de se “ficar” com várias pessoas sem que mantenha compromisso duradouro com ninguém, uma vez que assim, segundo os critérios dessa moral de consumo aplicada na dinâmica amorosa, amplia-se a quantidade de experiências afetivas. Conforme sentença Bauman:

A liberdade de escolha é acompanhada de imensos e incontáveis riscos de fracasso. Muitas pessoas podem considerá-las incontornáveis, descobrindo ou suspeitando que eles possam exceder suas capacidades pessoais de enfrentá-los (BAUMAN, 2005, p. 71).

Não se trata de fazer juízos morais de valor sobre a o modo como os meios de comunicação de massa despejam suas ideologias estupefacientes sobre a coletividade social, tampouco exigir a sua regulação deontológica, mas sim o ato de se analisar de que maneira a hegemonia midiática constrói o imaginário social em seus produtos como novelas, filmes, propagandas, revistas de fofocas, jornais sensacionalistas e demais gêneros afins caracterizados por seus estímulos de baixa intensidade psíquica. Expondo continuamente a vida humana reificada na superficialidade das relações, as corporações midiáticas legitimam moralmente a descartabilidade afetiva das relações amorosas, tornando tal processo algo absurdamente comum, universalizável. Nessa estrutura social que cultiva a dúvida, a incerteza, o cinismo, o medo e a impotência existencial, a juventude tende a apegar-se a modalidades de gratificação primárias, encontrando dificuldade em amadurecer, em viver de fato no estado de autonomia existencial; pelo contrário,

submetida ao fascínio da mídia espetacular, a juventude permanece presa ao âmbito imaginário, sem interação genuína com a realidade que não conhece bem e que constantemente a desilude e deprime. Alain Badiou e Nicolas Truong argumentam: “O mundo está, com certeza, cheio de novidades, e o amor também deve ser considerado dentro dessa inovação. É necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto” (BADIOU & TRUONG, 2013, p. 14).

A vivência do amor pautado no reconhecimento do outro não se conforma aos preceitos do acomodamento afetivo; desse modo, amar alguém plenamente consiste na capacidade de se reinventar os signos da relação, como se a chama do amor renascesse a cada dia. A intensidade de cada beijo de amor é diferente do precedente e essa singularidade é talvez o elemento mais extraordinário da relação amorosa: “O gesto o abraço amoroso parece realizar, por um instante, para o sujeito, o sonho de união total com o ser amado” (BARTHES, 2003, p. 7). Entretanto, a construção ética do amor na era capitalista se caracteriza pela perda dessa capacidade de renovação radical do acolhimento do ser amado. Uma vez que impera o sistema da descartabilidade humana, quando uma relação amorosa caminha para a monotonia, torna-se mais viável o seu término. Preguiça, comodismo e superficialidade se conjugam no vazio existencial do capitalismo afetivo. O meio sociocultural consumista e espetacular não favorece o amadurecimento psíquico da juventude, mantendo-a sob a égide da menoridade existencial e sua inevitável heteronomia. Hoje, porém, o culto do corpo, a obsessão da luta contra a velhice e o desvio de olhar em relação ao problema da finitude, a promiscuidade reificadora e a libertinagem sexual puramente quantificadora são as manifestações de uma busca narcisista de prazeres e de satisfações imediatos e que não visam à alteridade. Segundo Thiago de Almeida e Graziela Vanni,

Apesar da ausência de contato físico, os estímulos gerados entre as pessoas podem repercutir de tal maneira para os relacionamentos amorosos que chegam, por vezes, a desestruturá-los de tão cativantes que são. Assim, nas salas virtuais de bate-papo, o que vale é a imagem que o outro tem de mim, ou seja, importa mais

o que parece ser do que realmente sou. Isso nos leva à fantasia de poder, soberania, sedução, sem o compromisso do vínculo amoroso, sem o desgaste emocional de driblar com o parceiro as dificuldades do cotidiano (ALMEIDA & VANNI, 2013, p. 315-316).

A grande mídia, expressão fundamental do poder financeiro e da lógica consumista do mercado, faz a apologia de um liberalismo sexual que, além de levar para uma banalização e degradação das relações entre as pessoas, leva também a um vazio existencial e a uma pobreza interior. A situação é alarmante. Na assepsia do mundo virtual, em que o indivíduo vive com mentalidade de consumidor, em um ritmo concebido em função do instante, é urgente fazer com que os jovens descubram as contradições da realidade e o condicionamento do poder dominante (o mercado) sobre eles. Esse é o amor com seguro total: você vai ter o amor, mas terá tudo tão bem preservado, tão bem e previamente selecionado seu parceiro, teclando na Internet – terá, obviamente, foto, gostos detalhados, data de nascimento. O desgaste decorrente da relação interpessoal é suprimido com um clique no botão do computador no qual a companhia indesejável some sem maiores contratempos de nossa lista de “amigos”. A falta de coragem em se conversar cara a cara conduz a tal comportamento imbecilizante, aproximando-se das demissões tecnocráticas dos gestores que furtam de suas empresas qualquer espaço concreto da ação ética, não obstante suas apregoadas ideologias de que se pode mudar o mundo pela educação e pelo empreendedorismo. Os ditos “relacionamentos virtuais” são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas nessa interação eletrônica. Tal como apontado por Eva Illouz:

A Internet dificulta muito mais um dos componentes centrais da sociabilidade, qual seja, a nossa capacidade de negociar com nós mesmos, continuamente, os termos em que nos dispomos a estabelecer relações com os outros [...] A Internet proporciona um tipo de conhecimento que, por estar desinserido e desvinculado de um conhecimento contextual e prático da outra pessoa, não pode ser usado para compreendê-la como um todo (ILLOUZ, 2011, p. 141; p.149).

Em seu perfil psicológico, os jovens, hoje, são os resultados de uma educação falha que, centrada nos prazeres e no consumo, produz neles insegurança afetiva, dúvida sobre si diante do outro e a perda do sentido do empenho na conquista amorosa, já que as relações virtuais facilitam a galgada rumo ao encontro concreto com a pessoa desejada. As consequências são estarredoras, pois se dissolve o sentimento de dificuldade, de persistência, de busca. O capitalismo afetivo não quer perda de tempo para seus consumidores fiéis, a menor resistência deve ser posta de lado. Essa é a morte de toda formação rigorosa do caráter, que exige justamente a força interior para se vencer as adversidades e lutar por aquilo que se considera justo e conveniente. Para Octavio Paz:

O amor é uma tentativa de penetrar em outro ser, mas só pode ser realizado sob a condição de que a entrega seja mútua. Em todos os lugares é difícil este abandono de si mesmo; poucos coincidem na entrega e menos ainda conseguem transcender esta etapa possessiva e gozar o amor como o que realmente é: um descobrimento perpétuo, uma imersão nas águas da realidade e uma recriação constante (PAZ, 2006, p. 41).

Alguns se encontram angustiados diante da relação institucional do casamento, e mesmo desejando de se casarem, preferem manter relações intimistas e lúdicas, às vezes com mais pessoas fora da ligação social e institucional mais profunda: “Não existe um único modelo de intimidade que sirva a todos os seus usos. A intimidade assume muitas formas. E a compra da intimidade também” (ZELIZER, 2011, p. 251). Além da promiscuidade despropositada, vemos surgir uma cautelosa abstenção de envoltimentos emotivos mais consistentes. A mulher moderna abandonou, em grande parte, sua postura sexual reservada, tornando-se mais acessível como parceira sexual e, também, mais perigosa, adquirindo conotações puramente coisificadas. A degradação do trabalho e o empobrecimento da vida da comunidade obrigam a procurar na excitação sexual o

apagamento de todas as exigências emotivas, incorrendo naturalmente em frustrações. Para Lipovetsky:

Quando mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa. Por todo lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo; daí uma fuga para as “experiências”, que apenas traduz a busca de uma experiência emocional forte (LIPOVETSKY, 2005a, p. 57-58).

Ao invés da insalubre repressão sexual própria do moralismo religioso, hoje vigora a também perigosa permissividade sexual e todo o que é “sexy” tem valor comercial. Todavia, essa dita permissividade nada mais é que outra faceta do puritanismo moral que castra o ímpeto erótico dos sujeitos, pois impera a coisificação existencial dos indivíduos, transformados em meros objetos de consumo destinados ao deleite de outrem. Ocorre assim a alienação afetiva da pessoa, destinada a se tornar o suporte da satisfação sexual do usufruidor. Componentes libidinosas foram integradas sistematicamente à produção e à circulação das mercadorias nas relações públicas e de trabalho. O resultado dessa experta mobilização e manipulação da “libido” (energia sexual) resultou na submissão do indivíduo, aparentemente satisfeito, ao sistema como um todo, e o desaparecimento da contestação. Com efeito, a permissividade sexual opera em favor da “situação existente”, isto é, do sistema capitalista no sentido que a “permissividade sexual” debilita a rebelião dos instintos contra a sociedade estabelecida mais do que uma repressão sexual explícita. Para Jurandir Freire Costa:

O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero, e, à medida que refluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo (COSTA, 1999, p. 19).

Obviamente que todo ser humano possui pleno direito de experimentar exaustivamente relações afetivas em busca da autorrealização amorosa, mas o elemento criticável na conjuntura capitalista inserida na sociabilidade decorre da irresponsabilidade ética para com a figura do “Outro”, imputada como desprovida de interioridade, sentimentos, valores. Além da manipulação da “libido”, mediante o uso de tecnologia a sociedade de consumo impõe suas exigências econômicas e políticas sobre o tempo do trabalho, do lazer e sobre a cultura material e intelectual. Apesar das desigualdades os indivíduos são, agora, nivelados pela mesma “introjeção” do universo de “necessidades” (e de ideias) que interessam às elites dominantes. Carro, televisão, eletrodomésticos, aparelho de som, celulares, etc., produzidos segundo as leis mercantis do lucro, são impostos à existência cotidiana dos indivíduos de forma sub-reptícia, inconsciente e autoritária. O indivíduo sente um prazer extremo em satisfazer as necessidades de tipo consumistas e essa satisfação serve a paralisar o desenvolvimento da faculdade crítica, nascendo assim uma espécie de obrigação fascista ao gozo. Com efeito, todos esses bens materiais, impostos pela propaganda da mídia e do mercado, escapam ao controle do indivíduo que, sem o saber, vem despojado de sua personalidade. Segundo Bauman, “a capacidade de durar não joga mais a favor das coisas. Dos objetos dos laços, exige-se apenas que sirvam durante algum tempo para que possam ser destruídas ou descartadas de alguma forma quando se tornarem obsoletos – o que acontecerá forçosamente” (BAUMAN, 2010, p. 42). Para afirmar sua “autonomia” e “liberdade”, não lhe resta outro meio do que a agressividade ou conformar-se com a estupidez da rotina que lhe é imposta: dirigir, manipular máquinas mecânicas, perder tempo com a televisão, descansar, divertir-se, consumir conforme a publicidade, passear nos shopping centers, amar e odiar o que os outros amam ou odeiam. Em outras palavras, a integração do indivíduo na sociedade é facilitada pela concessão de uma (falsa) liberdade dos instintos. Na realidade, a permissividade sexual se tornou um poderoso instrumento de integração de conformismo que opera a serviço do sistema. Essa transformação da libido em mercadoria é uma forma de controlar o sexo mais eficiente do que a própria repressão: “A prática do consumo e da publicidade

degradam o erotismo e o amor, ao dessacralizar os corpos e corromper a imaginação humana” (COSTA, 1999, p. 146). Hoje o sexo não só é utilizado para vender mercadorias, mas se torna ele próprio uma mercadoria. Como se chegou a esse estágio de exibicionismo e de consumo do corpo e do sexo?

No início do capitalismo, se postulava que quanto mais os trabalhadores fossem reprimidos no corpo e na alma, tanto mais eles renderiam na labuta extenuante e alienante. Daqui derivava, por parte do sistema capitalista, uma excessiva repressão sobre a atividade sexual, de modo que o trabalhador canalizasse seus impulsos libidinais para os processos laborais. Hoje, porém, na sociedade tecnológica e de consumo o capitalismo mudou de tática. O sexo não é mais reprimido, mas, ao invés, é manipulado para exaltar a liberdade do prazer que só podemos ter se abrimos mãos de qualquer crença contrária aos modelos dominantes de comportamento. Queremos gozar a vida plenamente mesmo que através da degradação do “Outro” e sem que corramos os riscos provenientes das incertezas provenientes de toda relação interpessoal. Slavoj Žižek argumenta criticamente que “Hoje tudo é permitido ao ‘último homem’ hedonista: tirar proveito de todos os prazeres, mas na condição de eles estarem privados da sua substância, que os torna perigosos” (ŽIŽEK, 2006, p. 132). Diante dessa exacerbação do sexo coisificado como objeto de consumo, o empenho amoroso e a fidelidade são como que as últimas trincheiras de uma cultura sitiada pela moral do dinheiro, pelo incentivo obsceno à voracidade, à inveja, à ganância, ao cinismo e à corrupção existencial na qual o indivíduo se descaracteriza como pessoa e desde ao plano das meras coisas descartáveis. A sexualidade atualmente é incentivada como objetivo de criar uma identidade pessoal cujo modelo é o reconhecimento das sensações. Conforme aponta Charles Taylor:

Não há surpresa que, na cultura da autenticidade, os relacionamentos sejam vistos como a chave da autodescoberta e da autoconfirmação. Relacionamentos amorosos não são importantes apenas em razão da ênfase geral na cultura moderna sobre as satisfações da vida ordinária. Eles também são cruciais porque são a prova da identidade gerada interiormente (TAYLOR, 2011, p. 57).

Paradoxalmente, esses modelos de comportamento, tantos exaltados e difusos pela mídia hegemônica, a que se conforma a maioria submissa, representam os padrões comportamentais éticos da sociedade de massa e de consumo. Como afirma Jurandir Freire Costa, a permissividade da cultura atual, diante uma quantidade de ofertas múltiplas, nos convida a buscar nosso produto favorito no supermercado das sensações:

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a “querer tudo” porque nos julgamos “uma totalidade” que não pode apresentar fraturas. O outro só “é desejado se enriquece nosso ser”. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto (COSTA, 1999, p. 133)

E é por isso, segundo ele, que nunca fomos mais pródigos em sexualidade como agora, mas, também, que nunca fomos mais insaciáveis e insatisfeitos com o sexo como agora. Esse modo imposto de viver de rotina, de busca de sensações e prazeres imediatos se torna a pauta da vida contemporânea. A falsa noção de liberdade sexual não rompeu as barreiras opressoras do capital, que faz da nova conjuntura amorosa um mecanismo que otimiza sua própria dominação sobre os sujeitos, ao lhes proporcionar prazer sensório imediato de modo que suportem com mais paciência o mal-estar laboral. A relação amorosa implica um vínculo privilegiado e ímpar com o outro que exclui a escolha de outros parceiros nos mesmos termos. O amor é para o desejo o que são os sentimentos para as emoções. Para Octavio Paz:

O amor é escolha; o erotismo, aceitação. Sem erotismo – sem forma visível que entra pelos sentidos – não há amor, mas este atravessa o corpo desejado e procura a alma no corpo e, na alma, o corpo. A pessoa inteira (PAZ, 1994, p. 34).

A relação amorosa corresponde ao desejo de construir a vida em parceria e de durar na história com alguém porque isso tem um maravilhoso sentido de autorrealização para a pessoa, mesmo que as circunstâncias posteriores da vida em

comunhão demonstrem o desgaste da relação e o inevitável término da mesma. Importa ter coragem para se vivenciar a difícil alteridade da vida a dois. Para Aldo Carotenuto:

A vitalidade que nós experimentamos quando amamos decorre da nova disposição para a “busca”, suscitada e alimentada pelo desejo. A capacidade de manter viva uma experiência de amor depende da possibilidade de compartilhar com o outro o enriquecimento interior que brota da relação (CAROTENUTO, 1994, p. 30).

Esse tipo de relação requer um envolvimento cotidiano a partir do qual se construirá um vínculo de acordo com as etapas psicológicas, axiológicas e históricas inerentes a esse envolvimento que transforma a vida do casal amoroso e lhe promove uma nova forma de compreender a realidade, tal como se fossem dois seres em um. Para Thiago de Almeida e Graziela Vanni,

A relação amorosa não tem a função de preencher vazios, como a maioria das pessoas acredita, ou ainda solucionar a vida de qualquer pessoa. Por mais temeroso que seja refletir sobre isso, o fato de assumir o compromisso de viver com uma pessoa deveria comportar uma decisão fundamentada, talvez nos efêmeros sentimentos do momento, e nada mais que isso! Afinal, não se pode antever nem manipular os acontecimentos futuros, de modo que eles coincidam com as nossas melhores expectativas somente porque assim os queremos (ALMEIDA & VANNI, 2013, p. 228).

O casal amoroso é um ser em relação onde os dois polos estabelecem aquela que é muitas vezes a difícil conciliação entre individualidade e alteridade. Com efeito, amar não significa a anulação radical do “eu” para melhor afirmação do “outro”, mas sim a capacidade de se criar uma convergência existencial na qual a nossa singularidade só se realiza efetivamente quando nossos afetos, valorações e ações são direcionados calidamente para o ser amado, quando enfim reconhecemos que nosso ser somente se realiza como pessoa na sua imersão no outro. Tal como argumenta Marcia Esteves Agostinho,

Estar vinculado pelo amor significa ser especial para o outro e ter o outro como especial para você. Especial a ponto de fazerem um pacto, ainda que tácito, de respeito recíproco, segundo o qual um se torna a prioridade do outro (AGOSTINHO, 2013, p. 15).

Isso de modo algum se configura como a anulação alienada do indivíduo em prol do outro, mas a constatação de que a vida plenificada no amor só faz sentido quando transcendemos nossas limitações individuais e nos capacitamos a compreender as demandas existenciais do outro em sua própria interioridade, e nada mais intenso do que o amor para revelar os mistérios sagrados dessa comunhão afetiva. Para Roland Barthes: “Amo o outro não segundo suas qualidades (contabilizáveis), mas segundo sua existência; por um movimento que bem poderíamos místico, amo, não o que ele é, mas o que ele seja” (BARTHES, 2003, p. 328). A lógica rotatória das relações líquidas suprime justamente a energia mística presente no amor, pois o espaço dedicado ao ato de contemplação e reflexão sobre o ato de amar é anulado pela vertiginosa voracidade em se multiplicar a quantidade de parceiros sexuais consumidos no menor espaço de tempo possível. Com efeito, o amor intenso exige que pensemos no qual ardoroso é o sentimento que nutrimos pelo ser amado e o quanto tal afeto nos modifica cotidianamente. A mídia de massa difunde de forma ampla os modelos da libertinagem e o do erotismo pornográfico que tem uma função compensatória. Ao privilegiar a satisfação da pulsão por si mesma, a sociedade de consumo inventou uma nova norma, a obrigação do orgasmo que se estende a todas as épocas da vida. Nesta perspectiva hedonista e consumista, o orgasmo não se traduz na busca de uma comunhão com o ser amado, mas em uma série de práticas entre dois estranhos que redundam em prazeres solitários cuja satisfação se esvai de maneira imediata. Em outras palavras, o ato sexual não envolve, nem contribui para enriquecer uma relação, na medida em que não há alteridade, respeito, comunhão existencial. Pelo fato de temermos as dificuldades das relações afetivas e suas inerentes profundidades psicológicas, preferimos nos manter na superficialidade da satisfação imediatista do gozo. Como aponta Martin Buber:

Amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu. Nisto consiste a igualdade daqueles que amam, igualdade que não pode consistir em um sentimento qualquer, igualdade que vai do menor ao maior, do mais feliz e seguro, daquele cuja vida está encerrada na vida de um ser amado, até aquele crucificado durante sua vida na cruz do mundo por ter podido e ousado algo inacreditável: amar os homens (BUBER, 2001, p. 59-60).

O objetivo do capitalismo afetivo e sua inerente reificação do amor é encontrar o prazer pessoal sem levar em conta a natureza da relação afetiva e sua qualidade valorativa. Isto é, a presença do outro é um mero acréscimo gratificante que se inscreve numa economia sexual puramente narcísica. Vivemos em um mundo “sem vínculos” e de relacionamentos “sem compromisso”. Amar intensamente uma pessoa torna-se algo “indecente” para a moral da liquidez afetiva, pois corre o risco de nos transformar em pessoas improdutivas para o sistema de consumo, que exige o contínuo descarte das coisas para que novas peças sejam adquiridas. Para Roland Barthes:

Desacreditada pela opinião moderna, a sentimentalidade do amor deve ser assumida pelo sujeito amoroso como uma transgressão forte, que o deixa sozinho e exposto; para uma reviravolta de valores, é justamente essa sentimentalidade que constitui hoje o obsceno do amor (BARTHES, 2003, p. 269).

Curiosamente é de se constatar que tais relacionamentos nós os cobizamos e os tememos ao mesmo tempo. Isto é, estamos inseguros quanto ao processo de como construir os relacionamentos que desejamos simultaneamente ao fato de que queremos vivenciá-los em sua integridade. Contudo, esse temor é naturalmente compreensível, pois não existe uma fórmula pronta para que triunfemos na senda do amor; se assim fosse, o sentido intensivo do amor perderia qualquer valor, pois se assemelharia a um processo puramente automático, no qual as peças do grande mecanismo funcionariam sozinhas, bastando apenas que fossem acionadas por um primeiro motor. Amar, segundo Erich Fromm, significa estar determinado a compartilhar e fundir duas biografias, cada qual portando uma carga diferente de

experiências e recordações, e cada qual seguindo o seu próprio rumo existencial; justamente por isso, significa um acordo sobre o futuro e, portanto, sobre um grande desconhecido:

O amor não é principalmente uma relação com certa pessoa. Ele é uma atitude, uma orientação de caráter que determina como alguém se relaciona com o mundo como um todo, e não com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas outra pessoa e é indiferente ao resto dos homens, seu amor não é amor, mas uma relação simbiótica ou um egoísmo ampliado (FROMM, 2000, p. 57).

O amor também significa fazer-se dependente de outra pessoa dotada de igual liberdade de escolha e de vontade de seguir essa escolha imprevisível e, portanto, cheia de surpresas. O amor não segue um destino previamente estabelecido, uma vontade providencial que comanda a vida dos amantes, uma teleologia afetiva na qual o casal já se encontra adequadamente presente como participante. Arriscar o novo, arriscar o desconhecido são disposições inevitáveis para o engrandecimento humano face ao amor. Diante dos diferentes comportamentos em relação ao sexo, cumpre, hoje, definir de novo lugar do sexo em relação à sexualidade: “Somos seduzidos pelo novo. Todos nós somos seduzidos pelos produtos que prometem resolver a nossa vida. Somos seduzidos pelas expectativas de termos nossos desejos realizados” (ALMEIDA & MADEIRA, 2011, p. 50). Nada mais oportuno e imprescindível do que retomar a etimologia da palavra “sedução”. O vocábulo provém do latim *seducere* (se[d] + ducere), em que *sed* significa separar, afastar, privar e *ducere*, levar, guiar, atrair. A sedução se delinea como um jogo afetivo, pois a pessoa envolta pela chama amorosa não apenas quer seduzir, como também ser seduzida pela pessoa amada. Na cultura contemporânea, o sexo esgotou-se em todos os sentidos. Trata-se de instaurar a necessidade de recuperar o senso dos valores que qualificam nossa relação com o outro, pois o sexo que evita o amor, o amor que nega o sexo não pode ajudar um ser humano a viver. Os jovens são solicitados a ter uma expressão afetiva imediata, como um telefonema ou uma coligação ao Internet, sem dever respeitar os termos

e o sentido da construção da relação. Também as imagens da mídia e das ficções dos filmes são atualmente marcadas por uma expressão sexual fácil e momentânea. Enfim, são bastante influenciados pela exibição sexual difusa através da pornografia e da banalização em uma sexualidade impulsiva contrária aos relacionamentos afetivos regidos pelo companheirismo e pelo respeito autêntico entre os parceiros. Para Pascal Bruckner,

Achamos legítimo deixar o outro, mas horrível ser “largado” (o verbo, em sua concepção marítima, traduz exatamente o terror de ser deixado no cais). Para quem fica e não cometeu outro crime além daquele de sempre ter vivido ao lado do outro, o amor que une e a liberdade que solta amarras tornam-se: amor que separa e liberdade que oprime (BRUCKNER, 2013, p. 62-63).

Na medida em que é controlada pelo fetichismo publicitário e pelas organizações comerciais visando o consumismo, o sistema midiático hegemônico exhibe como em uma vitrine a mercadoria, transformando-a, ao mesmo tempo, numa significação onde predomina conteúdos conservadores: transmite pseudo/valores, pseudo/conhecimentos e acontecimentos em um jogo de imagens e de ilusões, reforçando a dominação política e ideológica da subjetividade humana aprisionada sob o jugo da sua conversão existencial em mera mercadoria. Difunde, sobretudo, valores (hedonismo vulgarizado) ligados à expansão do consumo, estimulando o narcisismo visando à gratificação imediata de desejos na ilusão de chegar à felicidade, recorrendo, para isso, também, a toda uma série de recursos hipnóticos, entre os quais predomina ritmos musicais rudimentares propagados em escala massiva de tal modo que impedem a silenciosa interiorização psicológica do sujeito, ocorrendo então a subsequente exacerbação dos sentidos cada vez mais embotados pelos estímulos fortes dos grandes centros urbanos. Conforme apontam Thiago de Almeida e Graziela Vanni,

A sociedade atual, marcada pelo hiperconsumismo, pela hiperatividade, pela vida em fluxos nervosos, pela exaltação da individualidade, pela competitividade, pelo hedonismo e pelo prazer a qualquer custo, se sustenta

pela incitação ao prazer e se codifica em padrões cada vez mais diferentes nesse palco, o fato e a ficção se misturam. Nesse sentido, a pluralidade e fluidez do universo contemporâneo atingem as relações amorosas e formam a ideia de que a infidelidade pode ser um valor positivo (ALMEIDA & VANNI, 2013, p. 272).

Convém que todo indivíduo seja capaz de experimentar vivências amorosas de modo a amadurecer sua personalidade e conhecer adequadamente as potencialidades do seu corpo, sua energia erótica, sua vitalidade afetiva. Por isso a questão não é demonizar as relações casuais, pois cada ato sexual se encontra inserido em um contexto existencial que não pode ser convenientemente mensurado por avaliações externas. Contudo, o indivíduo não deve acreditar que encontrará a ansiada felicidade através da fruição do prazer sensório proporcionado por cada parceiro amoroso. A exaltação do eu é o ponto básico de todo o narcisismo. Isso implica, por parte do sujeito, ser dominado por um desejo agudo, não de amar, mas de ser irresistivelmente amado, isto é, uma forma de se constatar o grau de importância que se obtém perante a demanda do outro. Estamos, pois, diante de um condicionamento cultural que visa abolir o que resta da vida comunitária (desde a família até os laços de vizinhança), que isola os indivíduos no espaço urbano fixando-os como sujeitos consumidores, promovendo a sua imersão (aniquilamento) em um universo funcional e abstrato, mas fascinante porque egocêntrico, e gerador de sentimentos infantis de onipotência e de gratificação hedonista. Segundo Maria Esteves Agostinho,

Sentimo-nos isolados. E neste isolamento surge a angústia, o mal-estar. Vivemos em aglomerados populacionais, mas nos sentimos irremediavelmente sós. Temos milhares de “amigos” virtuais, mas praticamente nenhum que conheça nossa alma. Quanto mais o conforto econômico aumenta, maior é o desconforto existencial (AGOSTINHO, 2013, p. 20).

Com sua poderosa força de sedução, através do domínio total dos meios de comunicação, a hodierna sociedade de consumo e de espetáculo, força o indivíduo

a realizar, de forma imediata, todos os seus desejos. Conforme Thiago de Almeida e Daniel Madeira,

Quem seduz faz com que a pessoa seduzida se torne dependente de sua presença, sinta desesperadamente sua falta a ponto de “parar de viver” e não pensar em outra coisa. Todos querem amar e ser amados, somente queremos um consorte para quebrar as nossas rotinas e sub-rotinas para nos fazer acreditar novamente em relacionamentos amorosos. E, para manter o sedutor ao seu lado, o seduzido é capaz de fazer loucuras. E se sentirá feliz por isso (ALMEIDA & MADEIRA, 2011, p. 26).

Não surpreende que na atualidade, pela difusão midiática de modelos sexuais fragmentados, se favoreça uma profunda insegurança afetiva que, por sua vez, sustenta representações de uma sexualidade imatura de solitários, em busca de si mesmos e que desemboca na violência desenvolvendo-se, na realidade, como negação de si e negação do outro. Segundo Jurandir Freire Costa:

O valor do amor foi hiperinflacionado e sua participação na dinâmica do bem comum chegou quase ao ponto zero, e, à medida que refluía aceleradamente para o interior do privado, o romantismo assumia a forma de moeda forte da felicidade junto com o sexo e o consumo (COSTA, 1999, p. 19).

Pelo fato do sistema capitalista se configurar em suas bases ideológicas como um discurso patriarcalista chancelado pelo poder do falo, inevitavelmente a figura da mulher será a maior estigmatizada no âmbito da relação sexual. A mulher sofre constantemente a reificação de sua condição humana na publicidade capitalista e seus dispositivos massificadores. Seu corpo se torna mero objeto de consumo e estimulante pornográfico para uma massa social grosseira, cujos sentidos se encontram em nível tão elevado de embotamento que necessitam de contínuos estímulos sensoriais fortes para que possa se manter ativa no ritmo vertiginoso da sociedade tecnocrática. A sutileza da percepção sede lugar para a rusticidade das palavras, dos gestos, dos desejos e dos sentidos. No fetichismo da

mercadoria, os objetos adquirem como que vida própria e se tornam mais importantes do que a singularidade humana, plenamente subjugada pelo mecanismo social do dinheiro, regido por dispositivos artificiais que negam a condição humana (MARX, 2002, p. 94). A mulher se funde na coisa, no alimento, na bebida alcoólica, no automóvel, ocorrendo assim a indistinção entre o que é feminino e o que é objetal. O próprio sistema midiático hegemônico exige que a mulher se corrompa moralmente para que possa ser assimilada pela indústria cultural, promovendo assim sua imagem vazia, mera beleza sedutora cuja nudez corporal não é capaz de revelar sua interioridade humana. Conforme argumenta Maria Rita Kehl:

A aliança entre a expansão do capital e a liberação sexual fez do interesse das massas consumidoras pelo sexo um ingrediente eficiente de publicidade. Tudo o que se vende tem apelo sexual: um carro, um liquidificador, um comprimido contra dor de cabeça, um provedor de internet, um tempero industrializado. A imagem publicitária evoca o gozo que se consuma na própria imagem, ao mesmo tempo que promete fazer do consumidor um ser pleno e realizado. Tudo evoca o sexo ao mesmo tempo que afasta o sexual, na medida em que a mercadoria se oferece como presença segura, positivada no real, do objeto de desejo (KEHL, 2002, p. 189).

O consumidor adquire o produto acreditando obter simultaneamente além das suas propriedades funcionais os valores mágicos agregados ao mesmo, inclusive o poder de sedução que lhe permitiria conquistar a mulher sexualmente desejada. Nessa dimensão reificada da vida materialista, os bens de consumo valem muito mais do que as pessoas e estas somente conquistam direito a uma sobrevivida caso aceitem sua anulação existencial e se metamorfoseiem em coisas. José Luiz Furtado aponta que:

Condenada por ser absurda e mitológica, por contrariar a lógica comercial dos negócios e da produção capitalista, por ajustar-se mal à instituição que deveria

realiza-la, a paixão parece, por toda parte, em nosso mundo, deslocada (FURTADO, 2008, p. 81).

As relações humanas, intermediadas por mercadorias, perdem sua substancialidade e se reificam. Desse modo, para que o amor se contamine pela lógica econômica é um pequeno passo; mais ainda, adota-se a dinâmica quantitativa da obsolescência nessas interações interpessoais, de modo que as pessoas passam a ser simbolicamente consumidas como se fossem meras coisas, imperando assim o império do descartabilidade e da excrecência humana. A subjetividade se torna um esterco. Erich Fromm argumenta que:

O amor não é principalmente uma relação com certa pessoa. Ele é uma atitude, uma orientação de caráter que determina como alguém se relaciona com o mundo como um todo, e não com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas outra pessoa e é indiferente ao resto dos homens, seu amor não é amor, mas uma relação simbiótica ou um egoísmo ampliado (FROMM, 2000, p. 57).

Por conseguinte, o mundo dos objetos e o mundo humano se confundem, evidenciando a miséria da subjetividade em uma dimensão social regida pelo materialismo grosseiro, uma via de mão única, na qual a prioridade vital reside na capacidade de satisfação dos desejos egoístas. Conforme argumenta Eva Illouz, “na cultura do capitalismo afetivo, os afetos se tornaram entidades a ser analisadas, inspecionadas, discutidas, negociadas, quantificadas e mercantilizadas” (ILLOUZ, 2011, p. 154-155).

Não é de se estranhar quando um indivíduo bitolado com a beleza do seu automóvel demonstra mais zelo por este do que por sua “amada”. Na verdade, ocorre uma espécie de simbiose entre o organismo desse homem e a máquina, como se esta aumentasse sua potência vital, sua libido, tornando-se sua própria extensão genital. O automóvel se torna assim um substituto para as fraquezas existenciais desse indivíduo decadente atirado ao plano material de vida sem

qualquer nível de transcendência espiritual. Thiago de Almeida e Daniel Madeira argumentam que:

Ter dinheiro aumenta a probabilidade de conseguir a atenção de um maior número de pretendentes, dado referente, sobretudo às mulheres que visam segurança em seus relacionamentos amorosos. Mas nesse caso a paixão pode estar dirigida para as coisas que o dinheiro traz e não para a pessoa em si. Começa bem, acaba mal (ALMEIDA & MADEIRA, 2011, p. 85).

O dinheiro se torna o mediador por excelência das relações sociais, determinando assim o estabelecimento de todo vínculo afetivo; este perde seu valor imensurável propiciador de sentimentos elevados para nivelar a infabilidade do amor ao plano material das determinações pecuniárias, tal como uma relação comercial. Os caracteres éticos da pessoa são transformados imediatamente graças ao poder financeiro, que corrige, modifica, aprimora, potencializa e diviniza todas as coisas. Para Marx:

O que é para mim pelo dinheiro, o que eu posso pagar, isto é, o que o dinheiro pode comprar, isto sou eu, o possuidor do próprio dinheiro. Tão grande quanto a força do dinheiro é a minha força. As qualidades do dinheiro são minhas — de seu possuidor — qualidades e forças essenciais. O que eu sou e consigo não é determinado de modo algum, portanto, pela minha individualidade (MARX, 2004, p. 159).

Não pretendemos defender a anulação de toda transação pecuniária ou a extinção radical de todo dinheiro circulante na sociedade, pois o grande problema em si não se encontra na moeda, mas na ideologia que perpassa suas relações econômicas, e tal ideologia adquire valorações mágicas, fetichistas, tornando-se simultaneamente elo que conecta as pessoas e força diabólica que divide as mesmas. Toda ausência de afeto, carinho, amor, respeito e comunhão são razoavelmente substituídos pelo poder persuasivo do dinheiro, que faz com que seu detentor suporte todas as agruras existenciais em prol da satisfação material das suas inclinações. Em uma relação social dialógica, caracteristicamente

isonômica, os indivíduos interagem entre si através de parâmetros axiológicos do amor, da amizade, da camaradagem, da ajuda mútua. Conforme argumenta Vladimir Jankélévitch,

O fato da alteridade não é, de modo nenhum propriamente falando, a razão abstrata que explica o amor. Se a existência de meu próximo fosse eminentemente preciosa, não haveria nenhum paradoxo no amor incondicional que eu lhe dirijo; se sua vida valesse mais que a minha, minha dedicação faria simplesmente justiça à verdade e não diferiria em nada de uma constatação razoável sabiamente motivada (JANKÉLÉVITCH, 1991, p. 48).

Entretanto, quando o dinheiro se interpõe entre ambos, essa interação se artificializa, tornando-se uma relação hierárquica nitidamente repressora, onde quem detém o poder financeiro tudo pode, e quem não o detém se submete docilmente ao seu arbítrio tirânico. Ora, essa é a própria lógica do sistema capitalista, cujo ideário apregoa a capacidade de livre iniciativa dos indivíduos para que regulem suas existências conforme seus propósitos pessoais imputados como inalienáveis. Porém, o que esse sistema normativo escamoteia é justamente o fato de que para que alguns indivíduos prosperassem uma grande massa humana inevitavelmente foi obrigada a chafurdar no negrume da miséria e se submeter ao crivo desta elite plutocrática. Georg Simmel destaca que:

O dinheiro deslocou a oportunidade de o indivíduo satisfazer de modo mais completo os seus desejos para uma distância muito menor e muito mais cativante. Oferece a oportunidade de adquirir, por assim dizer, de um só golpe, tudo aquilo que geralmente surge como desejável, interpõe entre o homem e os seus desejos uma fase de mediação, um mecanismo facilitador e, uma vez que com a sua consecução se tornam alcançáveis infinitas outras coisas. Nasce a ilusão de que todas essas se podem obter de modo mais fácil que habitualmente (SIMMEL, 2009, p. 55).

O dinheiro estabelece uma espécie de relação comunicacional artificial entre os indivíduos e suas inerentes trocas de objetos, circunstância que evidencia seu caráter “mediocre”, pois tudo o que é comum se caracteriza por anular a singularidade, a exceção, a excelência do indivíduo. A comunicação financeira não expressa o âmago espiritual do sujeito na sua luta por autoconhecimento interior e sua subsequente abertura para a autorrealização como pessoa, mas apenas por reconhecimento social que lhe abra as portas do sucesso e do bem-querer dos seus interlocutores. A economia burocrática não adentra nos mistérios do amor, não obstante os programadores de mercado continuamente buscarem meios de se controlar as demandas afetivas do sujeito, concomitantemente ao fato de que neurocientistas querem mapear cada partícula do cérebro humano em prol do conhecimento pleno das suas reações emocionais, assim como a decodificação dos efeitos afetivos de cada hormônio em nossa estrutura psicofisiológica. Trata-se da culminação da sociedade administrada ao serviço da produção capitalista, pois ao se conhecer as demandas afetivas da massa humana pode-se perfeitamente controlar seus impulsos e direcionar sua libido para fins imputados como economicamente úteis para o mercado. Imerso nesse processo rotativo de inclusão e exclusão instantâneas nas suas relações afetivas, a “humanidade líquida” cada vez mais teme afirmar a potência unificadora do amor, sentimento que, aliás, é dificilmente mensurável por critérios quantitativos e cálculos estatísticos. Erich Fromm indaga: “O amor é uma arte? Então, requer conhecimento e esforço. Ou o amor é uma sensação agradável e experimentá-lo um produto do acaso, algo em que você “tropeça” se tem sorte?” (FROMM, 2000, p. 1). Estimulado pelos instigantes questionamentos de Erich Fromm, faço também os meus: É possível expressarmos adequadamente tal afeto por alguém? Nossas palavras ordinárias conseguem expressar adequadamente nossos sentimentos mais sinceros por alguém? O amor é, em sua própria vivência, inefável, e todo nosso vocabulário consegue representar com precisão essa potência afetiva. Após as indagações precedentes, cabe esta também: “Quando amamos, amamos a pessoa pelo que ela é ou pelo que ela representa socialmente e materialmente para nós?” Podemos afirmar que a “moralidade líquida” optou pela segunda possibilidade, fazendo

sempre da figura do outro um estranho que só adquire importância quando se presta a satisfazer os nossos objetivos egoístas. Conforme argumenta Octavio Paz,

O amor é uma tentativa de penetrar em outro ser, mas só pode ser realizado sob a condição de que a entrega seja mútua. Em todos os lugares é difícil este abandono de si mesmo; poucos coincidem na entrega e menos ainda conseguem transcender esta etapa possessiva e gozar o amor como o que realmente é: um descobrimento perpétuo, uma imersão nas águas da realidade e uma recriação constante (PAZ, 2006, p. 41).

No contexto da vivência líquida da afetividade, amar se caracteriza sempre como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas: só é possível nos preocuparmos com as consequências que podemos prever, e somente delas que podemos lutar para escapar (BAUMAN, 2008, p. 18). Uma vez que o “outro” é considerado apenas uma peça que rapidamente entra em processo de obsolescência em nossa frívola experiência afetiva, tranquilamente se usufrui do seu potencial pessoal para que logo após se possa descartá-lo tal como o bagaço da laranja atirado ao lixo, sem que haja qualquer crise de consciência da parte do indivíduo consumista de afetos e experiências em cometer tal ato para com o parceiro amoroso.

O mito de Don Juan é paradigmático para a compreensão do “amor líquido”: apesar de sua beleza e extraordinário poder de sedução, esse homem regeu sua vida sob os signos da tristeza e da carência, pois sempre buscou na satisfação sôfrega do prazer sexual a tonificação de sua existência, sem nunca obter a plenitude; em verdade, Don Juan buscava na mulher conquistada sua própria interioridade perdida, amando assim a si próprio. Como era incapaz de realizar o autoconhecimento no ato do amor como experiência de alteridade, Don Juan encontrou-se na necessidade de buscar sua felicidade, degradada em mera satisfação psicofísica, em causas externas, decorrendo daí sua miséria. A verdadeira condenação de Don Juan ao inferno significa a diluição de sua pobre existência no nada da ausência do amor como expressão da alteridade. Conforme

destaca Pierre Lévy em sua valiosíssima incursão na ética do amor: “Quem não se ama usa os outros para preencher as próprias deficiências. Busca um ego complementar ao seu” (LÉVY, 2007, p. 58).

Ser livre pressupõe uma responsabilidade difícil de suportar perante a opressão de nossa líquida vida social, cada vez mais diluída na ausência de uma autêntica compreensão e valorização da figura do “outro”, que é sempre imputado como o estranho, jamais um potencial indivíduo capaz de interação. As parcerias não se fortalecem e os medos não se dissipam. Vivemos assim em um novo “estado de natureza” onde a grande ameaça, no contexto amoroso, decorre da incapacidade de compreendermos o valor afetivo de nossos interlocutores e criarmos barreiras afetivas contra qualquer sintoma de aprofundamento relacional.

Para Bauman, “nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante” (BAUMAN, 2004, p. 65). Tememos assim amar plenamente alguém pelo fato de não queremos vir a ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos descartados posteriormente, quando a relação amorosa vir a demonstrar os seus primeiros sinais de turbulência: “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos” (BAUMAN, 2008, p.29). Como o ritmo da vida líquida é marcado pela flutuação dos ânimos e as incertezas quanto ao futuro, o mais sensato é não se investir em nenhum tipo de risco afetivo, permanecendo-se assim na trincheira de proteção contra o amor. Medo de amar e medo de viver são, a rigor, sinônimos, e ambos nascem do profundo medo pela liberdade de nos tornarmos seres autônomos, circunstância que exige responsabilidade ética. Richard Sennett, por sua vez, argumenta que “nas relações íntimas, o medo de tornar-se dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas” (SENNETT, 2002, p. 167). Pelo fato de temermos a intimidade com o “outro”, preferimos então abrir mão das relações amorosas concretas para adentrarmos na dimensão das relações virtuais que, em si, são reais, mas desprovidas do “olho no olho” que caracterizam as experiências éticas mais

profundas, regidas pela capacidade de se lidar adequadamente com a presença do outro diante de nós. Segundo Anthony Giddens:

Para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver (GIDDENS, 1993, p. 152).

A busca por constantes experiências “amorosas” fugazes não representa sinal de vitalidade sexual do indivíduo, mas sim um empobrecimento da sua capacidade de se relacionar profundamente com a esfera do Outro, interagindo existencialmente de maneira bilateral. Nessas condições, os “consumidores de afetos” buscam em seus atos desenfreados obterem no ápice de prazer conquistado nas relações sexuais uma espécie de alienação existencial das suas próprias carências psicológicas, descartando em seguida o objeto de prazer, pois este não pode mais fornecer a satisfação esperada. A roda do sofrimento jamais cessa de se movimentar para o individualista autocentrado em sua busca por prazer para fugir dos seus tormentos existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto vimos de que maneira a problemática do amor recebeu de algumas vertentes de nossa vasta tradição filosófica uma interpretação ontológica, evidenciando a magnitude desse sentimento para a plena formação existencial do ser humano em seus paradigmas éticos e sociais. Da mesma maneira é crucial pensarmos criticamente os efeitos deletérios da ideologia capitalista no desenvolvimento das relações afetivas de nossa sociedade tecnocrática, cada vez mais alienada de seus valores humanos mais autênticos. As relações fetichistas do capitalismo empobrecem quaisquer possibilidades de florescimento de níveis mais profundos de experiência ética da comunhão amorosa, da confiança, do companheirismo e da alteridade mediada pelo encontro dos olhares, dos abraços, dos beijos de amor. Todavia, apesar da tenebrosidade dos horizontes afetivos que

se delineiam na vivência do “amor líquido”, talvez possamos estabelecer uma revolução ética nas bases axiológicas que determinam nossas relações humanas na ditadura capitalista e assim fazer renascer os valores humanos do amor. Isso de modo algum é um projeto utópico, mas uma disposição verdadeiramente realizável, pois o amor constitui uma das bases fundamentais do ser humano. Com efeito, quando se trata da questão do amor, é imprescindível que o afeto da esperança norteie o foco argumentativo do autor que se dedica corajosamente a tal reflexão. Muitos outros autores poderiam ser abordados nesse frutífero debate interminável, mas a questão abordada no decorrer deste texto não se encerrará por aqui, de modo que novos conceitos e novas interpretações serão atualizados em circunstância oportuna no porvir.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Marcia Esteves. **Vínculos: sexo e amor na evolução do casamento**. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013.

ALMEIDA, Thiago de; MADEIRA, Daniel. **A arte da paquera: inspirações à realização afetiva**. São Paulo: Letras do Brasil, 2011.

ALMEIDA, Thiago de; VANNI, Graziela. **Amor, ciúme e infidelidade: como essas questões afetam sua vida**. São Paulo: Letras do Brasil, 2013.

BADIOU, Alain & TRUONG, Nicolas. **Elogio ao Amor**. Trad. de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido** – Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Medo Líquido**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BRUCKNER, Pascal. **Fracassou o casamento por amor?** Trad. de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Trad. de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CAROTENUTO, Aldo. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. Trad. de Isabel F. L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1994.

COMTE-SPONVILLE, André. **O Amor**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FURTADO, José Luiz. **Amor**. São Paulo: Globo, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade – Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. de Magda Lopes: São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **O paradoxo da moral**. Trad. de Helena Esser dos Reis. Campinas: Papirus, 1991.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KIERKEGAARD, Soren A. **As Obras do Amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos**. Trad. de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Coord. da Trad: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 2007.

LÉVY, Pierre. **O Fogo Liberador**. Trad. de Lílian Escorel. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. de Theresinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005a.

_____. **A sociedade pós-moralista**. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Trad. de Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005b.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I, Volume 1. Trad. de Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Trad. de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MORIN, Edgar. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Trad. de Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **Estudos sobre o Amor**. Trad. de Elsa Castro Neves. Lisboa: Relógio d’água, 2002.

OVÍDIO. **Os Remédios do Amor / Os cosméticos para o rosto da mulher**. Trad. de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. **O Labirinto da Solidão**. Trad. de Eliana Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno: a luta contra o vazio**. Trad. de Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1996.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SIMMEL, Georg. “O Dinheiro na Cultura Moderna” In: **Psicologia do Dinheiro e outros ensaios**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2009, p. 41-61.

_____. **Filosofia do Amor.** Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

STENDHAL. **Do Amor.** Trad. de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade.** Trad. de Talyta Carvalho. São Paulo: É realização, 2011.

ZELIZER, Viviana A. **A negociação da intimidade.** Trad. de Daniela Barbosa Henriques. Petrópolis: Vozes, 2011.

ŽIŽEK, Slavoj. **A subjetividade por vir: ensaios críticos sobre a voz obscena.** Trad. de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.